

PROBLEMA DE FAMILIA

Plínio Carneiro

O botequim era pequeno demais para tanta gente naquele domingo quente de janeiro: um entra-e-sai de pessoas suadas, apesar da hora — tinha acabado a missa das 8 e a multidão se arrastava na praça defronte a Matriz, parando aqui e ali para dois dedos de prosa antes de mudar a roupa domingueira.

O botequim era apenas um bequinho, espremido entre a loja de tecidos e a agência dos correios: era o copo-sujo dos rapazes que iam comer almôndegas com cerveja, era o cu-sujo dos bêbedos das madrugadas. E era o ponto de encontro dos velhos moradores de Santa Teresa, o último ponto de encontro num raio de cinco quilômetros, o bairro coalhado de edifícios, discotecas, apartamentos.

Era lá, no Café Caruncho, que a velharia do bairro se reunia das 4 às 6 da tarde, para um papo interminável, um «lembra-se» que não mais se acabava — as estórias escorrendo soltas entre arrotos com cheiro de cerveja, bolo de feijão, torresmo e cachaça. Aos domingos, os velhos arranchavam no botequim às 8 horas da manhã e só saíam às 18 horas, para a última missa.

Era lá que Tio Nominato, velho ranzinza, casado com Tia Petrina, tinha cadeira cativa. Era lá que ele desfiava suas estórias da fazenda, falando com orgulho dos 50 filhos naturais que havia feito nas agregadas. Barbudo, pachorrento, um eterno boné cinza cobrindo a careca, não se sabia como havia arranjado ânimo para tanto filho.

Todo mundo conhecia o Tio Nominato, isto é, todo mundo que freqüentava o Café Caruncho. E todo mundo conhecia o

ritual diário que cercava aquela figura de olhar adunco: às 4 horas da tarde ele assentava-se na pequena mesa ao lado da porta e começava a beber uma cervejinha e a comer os torresmos que o Parodi, dono do botequim, fazia no fogão dos fundos.

Às 6 horas, aparecia na porta do Caruncho a Tia Petrina: magra, pequena, cabeça branca, um xale preto no ombro, o vestido nas canelas e meias de lã. Chegava, não dava uma palavra, pegava o copo de Tio Nominato, tomava um gole, dava um pe-teleco no boné do marido e, como fazia há dez anos, saía lépida com seus olhinhos de água.

Figura singular, a Tia Petrina. Aos 60 anos, desesperada porque o Tio Nominato não lhe dirigia a palavra há mais de vinte anos, tomara dois vidros inteiros de equanil, deixando um bilhete na cristaleira: «morro em protesto contra o meu marido burguês fedaputa». Não morreu, era uma velha forte, mas silenciou para sempre, ninguém mais ouviu a sua vozinha.

Quando começou a endoidar, ninguém sabia. Uma vez cis-mou que era barata e só ficava debaixo da mesa; depois sonhou que tinha virado milho e não ia mais no quintal, com medo de ser comida pela galinhada. Segundo Tio Nominato, tudo era influência do livro *Metamorfose*, de Franz Kafka, folheado na hora em que as novelas eram substituídas pela Hora do Brasil.

Os parentes que ainda moravam no arraial de Boa Vista lembravam-se da tragédia que colocou um muro entre os dois: as brigas começaram quando a Tia Petrina deu na telha de fazer um «tour pela Europa», sozinha, para gastar a herança do pai, com medo de deixar o dinheiro para o Tio Nominato. Voltou falando barbaridades de Paris, onde só encontrou velharia no Louvre e em Versailles: tudo muito velho, cheirando a mofo, preferiu gastar seu rico dinheirinho nos espetáculos do Crazy Horse e do Lidô. Isto o Tio Nominato nunca lhe perdoou, logo quando planejava comprar um apartamento na cidade grande.

Foi há dez anos atrás, todo mundo se lembra. Numa manhã de domingo, Tia Petrina saiu apressadamente da igreja, no comecinho da missa das 10 — havia esquecido o missal em casa (trouxera, no lugar do livro bento, um pequeno dicionário Francês-Português de capa preta). Encontrou o marido Nominato,

de 60 anos, na banheira com sua prima Zulmira, de 50 anos, ambos pelados, brincando de barquinho de papel.

Agora, na manhã quente de domingo, o Café Caruncho estava cheio de gente suada, muitos ainda vestidos com as roupas de missa. Na mesa ao lado da porta, Tio Nominato pensava na vida, enquanto bebia a cerveja gelada. Há dez anos fazia a mesma coisa, preferia ficar na rua do que agüentar aqueles olhos irônicos da mulher, frente a frente no almoço e no jantar sem dar uma palavra. Aliás, desde que mudaram para a cidade que só se comunicavam quando não havia outro jeito. O negócio era cada um para o seu lado. Mas ele tinha certeza que aquela velha caquenta o odiava, estava nos olhos dela.

As 11 horas, Tia Petrina apareceu na porta do Café Caruncho, interrompendo uma estória que o Tio Nominato contava para os três velhos de sua mesa. A velhinha entrou, tomou um gole de cerveja, comeu um pedaço de dobradinha e, como fazia há dez anos, tocou com a ponta dos dedos no boné do marido. Saiu para o sol, os passos miúdos, silenciosos, rápidos.

Tio Nominato voltou a conversar com os velhos e, ruminando um pedaço gorduroso de buchinho, tomou um grande gole da cerveja gelada. Era um rito antigo: um tira-gosto com pimenta e um grande gole de cerveja, o pomo-de-adão subindo e descendo, o estalar da língua no céu da boca, fingindo a viagem semi-breve de Vladimir Nabokov ao soletrar Lolita.

Naquele dia não houve estalar de língua para o Tio Nominato. Ao tomar o primeiro gole, ele sentiu na boca um gosto amargo de amêndoas. Afeito aos escritos da Agatha Christie, Tio Nominato tentou rejeitar a cerveja, mas ela já havia descido. Levantou o corpo magro, enfiou o indicador na goela e tentou vomitar. Era tarde, sentiu que havia bebido arsênico para derubar uma boiada.

Deu três passos, o estômago e a garganta contraídos, o rosto em fogo, os olhos saltados. Caiu de joelhos e tentou segurar o balcão. Sentiu um sufoco no peito, as veias do pescoço incharam de tanto esforço para respirar.

Ainda deu tempo de ver os olhinhos vivos da Tia Petrina, parada na ponta do passeio, as mãos eternamente cruzadas de-

baixo dos seios, o xale preso nos cotovelos. Ainda deu tempo de balbuciar um «filha-da-puta» rouco, audível apenas para os companheiros do Café Caruncho, aquelas caras espantadas reunidas como se fossem edifícios, lá no alto, fechando a luz. Morreu engasgado com um pedaço de dobradinha, sufocado com a pimenta.